

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Educação e diversidade sexual: um estudo das representações sociais de docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar

Education and Sexual Diversity: a study of the Social Representations of Teachers about sexual diversity in the school context

Educación y diversidad sexual: un estudio de las representaciones sociales del profesorado sobre la diversidad sexual en el contexto escolar

Douglas Paulino Barreiros^I * José Roberto da Silva Brêtas^{II}

^I Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil

^{II} Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil

Palavras-chave:

educação sexual;
diversidade sexual;
representações sociais.

Resumo: Este artigo é o recorte de uma tese de Doutorado em Ciências com enfoque em Educação. O estudo explicativo, qualitativo foi desenvolvido ao longo dos anos 2018 a 2021 tendo como corpus de análise o conjunto de trinta entrevistas com docentes do ensino fundamental. A pesquisa teve como ancoragem teórico-metodológica a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (2015) e a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2016). O presente texto expõe a metodologia empregada na pesquisa, sua organização e a síntese dos resultados. Contrariando especulações de que professores estariam difundindo a chamada “ideologia de gênero” e por meio dela colocando em risco padrões “normais” de sexualidade, gênero e da família tradicional, os resultados revelaram que o grupo estudado é, em verdade, conservador, fundamentalista religioso e evita abordar a temática da diversidade sexual em aulas e demais ações pedagógicas. O silenciamento em torno desta temática decorre da precária formação docente, mas também por conta do medo de sofrer represálias de familiares dos estudantes, da gestão escolar ou dos governos.

Keywords:

sex education; sexual
diversity; social
representation.

Abstract: This article is an excerpt from a Doctoral thesis in Science with a focus on education. The explanatory, qualitative study was developed over the years 2018 to 2021, having as a corpus of analysis the set of thirty interviews with elementary school teachers. The research was based on the Theory of Social Representations, by Serge Moscovici (2015) and Content Analysis, by Laurence Bardin (2016). The present text exposes the methodology used in the research, its organization and the synthesis of the results. Contrary to speculations that teachers would be spreading the so-called “gender ideology” and through it putting at risk “normal” patterns of sexuality, gender and the traditional family, the results revealed that the studied group is, in fact, conservative, religious fundamentalist. and avoids addressing the issue of sexual diversity in classes and other pedagogical actions. The silencing around this theme stems from the precarious teacher training, but also because of the fear of suffering reprisals from the students' families, school management or governments.

* Endereço para correspondência: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, E.E.PEI Dr. José Leme Lopes. Avenida Acapulco, 26 – Aguazul - Guarulhos, SP – Brasil. CEP: 07159120. E-mails: douglas.paulino@unifesp.br, jrsbretas@gmail.com



Palabras clave:

educación sexual;
diversidad sexual;
representaciones
sociales.

Resumen: Este artículo forma parte de una tesis doctoral en Ciencias con orientación en Educación. El estudio, de carácter explicativo y cualitativo, se llevó a cabo durante los años 2018 a 2021, analizando un corpus de treinta entrevistas a profesores de Educación Primaria. La investigación se ancló teórica y metodológicamente en la Teoría de las Representaciones Sociales de Serge Moscovici (2015) y en el Análisis de Contenido de Laurence Bardin (2016). En este texto se expone la metodología utilizada en la investigación, su organización y un resumen de los resultados. Contrariamente a la especulación de que los profesores estaban difundiendo la llamada «ideología de género» y, por lo tanto, poniendo en peligro las normas «normales» de la sexualidad, el género y la familia tradicional, los resultados revelaron que el grupo estudiado es en realidad conservador, fundamentalista religioso y evita abordar el tema de la diversidad sexual en las clases y otras acciones pedagógicas. El silenciamiento de esta cuestión se debe a la escasa formación del profesorado, pero también al miedo a represalias por parte de las familias de los alumnos, la dirección de los centros o los gobiernos.

Introdução

A instituição escolar desempenha papel crucial na promoção de diversas formas de aprendizados que transcendem os limites tradicionais associados à leitura, escrita e operações matemáticas. No âmbito educacional, é incontestável que o acesso ao conhecimento demanda a incorporação de uma persona estudantil ideal, cujas características incluem não apenas a pontualidade, higiene, serenidade, adequada nutrição e saúde psicológica, mas também a conformidade com as normativas de gênero binário (homem/mulher) e a orientação heterossexual da sexualidade (Louro, 2014).

Esse último aspecto, relacionado ao binarismo de gênero, sugere a existência de uma dicotomia rígida e prescritiva que molda as expectativas em torno das identidades de gênero e das orientações sexuais socialmente inteligíveis (Butler, 2017). A imposição dessa binaridade, além de limitar a expressão individual, implica na necessidade de uma submissão dócil a padrões normativos socialmente predefinidos. Assim, a persona estudantil idealizada não apenas reflete o cumprimento de parâmetros acadêmicos, mas também a adesão estrita a uma concepção binária de gênero e à normatividade heterossexual (Foucault, 2014).

O fenômeno do gênero binário se evidencia quando os corpos são categorizados de forma polarizada nas diversas esferas e campos de conhecimento da sociedade. As características secundárias presentes nos corpos femininos e masculinos, como pelos, seios e quadris, passam a ser determinantes na definição do que é considerado ser homem ou mulher em cada domínio. Por exemplo, a mídia, por meio de produções audiovisuais, destaca distintas características consideradas essenciais e específicas para a identidade masculina, como virilidade e racionalidade, contribuindo para a construção de significados simbólicos que delineiam a concepção efetiva do que significa ser homem. Dessa maneira, o currículo cultural, entendido como um conjunto de reforços que constroem e constituem relações sociais no ambiente escolar, desempenha papel crucial como parte de uma pedagogia específica, moldando um repertório de significados que, por sua vez, contribuem para a formação de identidades culturais hegemônicas

binárias restritas a homem/mulher, compreendidos como identidades fixas e com características rigidamente predefinidas para um ou outro gênero (Reis; Pinho, 2016).

Considerando que a/o estudante idealizada/o não ingressa na instituição educacional de maneira totalmente pronta para atender as expectativas binárias de gênero, torna-se imperativo compreender que a instituição escolar empreende a contínua atuação de uma intrincada rede de dispositivos disciplinares, conforme abordado por Foucault (2014), para disciplinar os corpos de modo a atenderem, dentre outros fatores, os ideais do binarismo de gênero e heteronormatividade esperados pela educação formal que responde a uma demanda social de reconhecimento de determinados corpos em detrimento de outros.

Nesse contexto desafiador, verifica-se que a escola enfrenta obstáculos significativos para superar práticas e rotinas normalizadoras enraizadas nos ideais de identidades masculinas ou femininas totalizantes, sem concessão ao reconhecimento de corpos e/ou personalidades dissonantes do sistema binário e heterossexual. Esta persistência ocorre mesmo diante da presença de corpos que desafiam o binarismo e/ou a heteronormatividade em seu seio, como discutido por Butler (2017). A necessidade de repensar esses padrões normativos é evidenciada pelo desafio de garantir um ambiente educacional inclusivo e respeitoso com a diversidade de expressões de gênero e orientações sexuais, superando assim as barreiras impostas pelos preconceitos arraigados no sistema educacional.

Dessa maneira, indagações de relevância incontestável concernentes ao acesso, à permanência e à qualidade educacional apropriada para setores sociais em circunstâncias de vulnerabilidade, a exemplo de indivíduos lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e outros (LGBTQTIA+), persistem negligenciadas nos âmbitos escolares. A negligência manifesta-se por intermédio da tendência ao silenciamento das vozes dissonantes. Conforme Moraes (2018) observa, essa problemática configura uma questão imperativa a ser confrontada, fundamentando seu argumento na constatação de que a violência contra aqueles cujas manifestações de sexualidade e gênero transcendem as normas binárias/heterocentradas encontra-se amplamente documentada. A autora destaca que houve progressos jurídicos substanciais no tratamento dessa problemática, sugerindo, por conseguinte, tratar-se de um desafio relacionado à não assimilação cultural. Nesse sentido, ela percebe a necessidade de proporcionar voz a essas comunidades, o que, no contexto educacional, implica na mobilização de currículos e práticas pedagógicas desprovidas de preconceitos sexistas.

A despeito de a educação sexual ser considerada uma temática de relevância no contexto educacional, sua abordagem manifesta-se de maneiras diversas, tais como projetos, palestras, aulas e rodas de conversa. Contudo, observa-se que a diversidade sexual ainda permanece em um estado de silenciamento ou, no máximo, é tratada como uma situação comportamental a ser evitada,

associada a concepções de incorreção, desvio, anormalidade e pecaminosidade (Araújo *et al.*, 2009). De maneira geral, as iniciativas pedagógicas relacionadas à sexualidade tendem a restringir-se ao âmbito da compreensão anatômica e fisiológica do sistema reprodutor, frequentemente focalizando a prevenção da gravidez precoce e/ou infecções sexualmente transmissíveis.

Considerando a relevância da instrução educacional acerca da sexualidade, torna-se imperativo conceber uma abordagem educacional sexual problematizadora que ultrapasse suas características binárias, heteronormativas, biologizantes e higienistas. Essa abordagem requer a alocação de recursos para intervenções fundamentadas no pensamento crítico, reconhecendo as sexualidades como construções históricas, culturais, sociais e discursivas. Nesse contexto, as representações sociais, conforme destacadas por Moscovici (2015), emergem como sistemas centralizadores de significados, atuando como referenciais para a atribuição de sentido a elementos não familiares e orientando nossas ações a partir dessas representações.

Diante disso, revela-se pertinente investigar e analisar as representações sociais dos docentes sobre a diversidade sexual em contextos escolares. Tal empreendimento busca compreender as motivações subjacentes ao persistente silenciamento em torno da diversidade sexual no cotidiano escolar, mesmo diante de sua presença nas relações interpessoais, gerando desconfortos, preconceitos e discriminações. A análise das representações sociais dos educadores pode oferecer percepções cruciais sobre os obstáculos que contribuem para a manutenção de atitudes discriminatórias, fornecendo uma base para a implementação de estratégias educacionais mais inclusivas e sensíveis à diversidade sexual.

Método

No escopo do presente estudo, adotou-se uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, pautada no paradigma da pesquisa explicativa. Esta perspectiva se fundamenta na compreensão aprofundada dos fenômenos sociais, em especial das representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar. A pesquisa qualitativa, neste contexto, busca transcender a mera descrição dos eventos observados, almejando compreender as razões subjacentes aos fenômenos em análise. Dessa forma, a escolha pela pesquisa explicativa reflete a intenção de explorar as relações causais e os processos que permeiam a construção das representações sociais dos educadores sobre a diversidade sexual, elucidando os motivos que contribuem para o silenciamento e perpetuação de atitudes discriminatórias. A coleta de dados foi realizada por meio de métodos qualitativos; entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, proporcionando uma análise profunda e contextualizada das representações sociais dos docentes, enriquecendo assim a compreensão dessas dinâmicas no ambiente escolar.

A constituição do corpus de análise aderiu estritamente às diretrizes de validação preconizadas por Bardin (2016). No que tange à observância do critério de exaustividade, todas as entrevistas foram meticulosamente consideradas em sua singularidade e integralidade. Os indicadores destinados à análise de conteúdo foram submetidos a escrutínio mediante a aplicação da técnica de leitura flutuante nas entrevistas. Esse procedimento, por sua vez, viabilizou a formulação preliminar de indicadores para a análise propriamente dita, a identificação de unidades de registro pertinentes e a elaboração de inferências (Bardin, 2016).

No que concerne à representatividade da amostra (Bardin, 2016), foram selecionados trinta docentes, englobando tanto professores quanto professoras, que desempenham suas atividades em, no mínimo, dois níveis de ensino e em mais de uma instituição educacional. Adicionalmente, a diversidade foi contemplada ao abranger profissionais cuja formação inicial abarca as áreas de linguagens, humanas, ciências da matemática e ciências da natureza. A amostra também incluiu educadores que, além de atuarem na esfera da educação pública, ministram aulas na rede privada e/ou na modalidade de educação especial. Não foram excluídos da amostra profissionais que desempenham funções na área de coordenação pedagógica.

A asseguuração da homogeneidade e pertinência (Bardin, 2016) no presente estudo foi efetivada por meio da formulação de um conjunto de questões semiestruturadas, cuja aplicação se deu em entrevistas após a obtenção do consentimento informado, conforme atestado por termo de consentimento livre e esclarecido previamente submetido ao escrutínio do comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP. A aprovação ética para condução do estudo foi oficializada por meio do parecer consubstanciado de número 4.332.428. Os registros das entrevistas, realizadas em meio digital, foram posteriormente transcritos na íntegra. Para a subsequente descrição e análise dos relatos obtidos, as entrevistas foram categorizadas de (E.1) a (E.30), em estrita observância à sequência cronológica em que foram conduzidas e garantindo o anonimato das/os participantes.

Mediante a aplicação da técnica de leitura flutuante nos textos, foram delineados indicadores destinados à análise de conteúdo. Esse processo culminou na definição de critérios específicos para a fragmentação dos textos em unidades de registro, propiciando, assim, a delimitação de frações temáticas (Bardin, 2016). A escolha do nível temático como unidade de registro foi orientada pelos objetivos delineados para a pesquisa, centrados na identificação e análise das representações sociais de docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar. Além disso, a fundamentação teórica do estudo, ancorada nos princípios dos Estudos *Queer*, também influenciou essa escolha metodológica.

A partir disso, o desenvolvimento metodológico deste estudo compreendeu quatro etapas distintas. O primeiro passo consistiu na identificação e enumeração da frequência das

unidades de registro, representando os temas abordados nas entrevistas. Em seguida, as unidades de registro foram agrupadas, formando quatro temas gerais: “Formação educacional em diversidade sexual”, “Diversidade sexual e educação”, “Saberes acerca da diversidade sexual” e “Escola e diversidade sexual.” Em um terceiro momento, as unidades de registro foram reagrupadas com base em aproximações temáticas, resultando na formação de nove categorias de análise. Por fim, a análise interpretativa foi conduzida de maneira controlada sobre as categorias, envolvendo a elaboração de inferências a partir da análise categorial, conforme preconizado por Bardin (2016).

As representações sociais, emergentes da análise das categorias investigadas, revelaram uma gama de ideias, opiniões, mitos e tabus que denotam a persistência de discursos e conteúdos afetivos enraizados na representação social. Esta última engloba elementos que contribuem para a construção da subjetividade associada ao objeto de estudo. Nesse contexto, a adoção da Teoria das Representações Sociais como método revelou-se fundamental, uma vez que viabilizou a desconstrução do objeto de pesquisa, possibilitando a identificação das ancoragens que sustentaram sua formação. Esse enfoque metodológico permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas subjacentes às representações sociais, contribuindo para uma análise mais apurada das complexas inter-relações entre os discursos, os conteúdos afetivos e a subjetividade associados ao tema em questão.

Diante da intrincada natureza do objeto de pesquisa, revelou-se imperativo adotar métodos que abordassem os processos de classificação, padronização, normalização e hierarquização de maneira flexível, mutável e não universalizante. Além disso, tornou-se essencial considerar os processos de ancoragem e objetivação como componentes formadores das representações sociais. Adicionalmente, o método escolhido deveria ser capaz de estabelecer diálogos eficazes com outras teorias e abordagens metodológicas. Nesse contexto, tornou-se possível e imprescindível integrar a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (2015) e a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016). Essa abordagem metodológica combinada proporcionou uma estrutura analítica robusta, capaz de lidar com a complexidade inerente ao objeto de estudo, ao mesmo tempo em que permitiu uma articulação efetiva entre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. A inclusão dos processos de ancoragem e objetivação na análise metodológica enriqueceu a compreensão das representações sociais investigadas, evidenciando a relevância desses mecanismos conforme proposto por Moscovici (2015). Esses processos influenciam a forma como as representações sociais são estruturadas, ancorando-as em referenciais cognitivos previamente conhecidos pelos grupos sociais e objetivando-as por meio da atribuição de significados imagéticos compartilhados pelos membros de um agrupamento social.

Resultados e discussões

A interpretação dos resultados foi realizada mediante a aplicação da técnica da inferência, fundamentada nas unidades constitutivas da estrutura discursiva. Desse modo, a categorização das nove categorias temáticas de análise resultou de uma abordagem sistemática e estruturada na condução da pesquisa, permitindo a decomposição do material empírico em unidades distintas para uma análise mais detalhada. A escolha da técnica de inferência, centrada nas unidades constitutivas da estrutura discursiva, fundamenta-se na premissa de que a interpretação dos resultados deve considerar não apenas o conteúdo explícito, mas também os elementos contextuais que contribuem para a construção de significados. Dessa maneira, a metodologia adotada buscou proporcionar uma compreensão mais abrangente e contextualizada das representações sociais em análise, promovendo uma análise aprofundada das inter-relações entre emissor, canal, receptor e contexto (Bardin, 2016).

Na categoria denominada “Ideais Conservadores e Educação”, foram agrupadas narrativas que estabelecem conexões entre sexualidade, moralidade religiosa e essencialismo biofísico. Estas narrativas revelam conteúdos discursivos fundamentalmente conservadores, os quais abordam a diversidade sexual a partir de pressupostos religiosos essencialistas, binários e heterocentros (Reis; Pinho, 2016). No cerne dessas narrativas, emergem representações sociais de docentes sobre sexualidades que divergem do padrão binário heterossexual, considerando-as como comportamentos desviantes, pecaminosos e contrários à ordem natural e/ou divina, aproximando as sexualidades dissidentes da norma como anomalias (Foucault, 2002), conforme evidenciado na unidade significativa que será apresentada.

A categorização destas narrativas permitiu a identificação de padrões conceituais e discursivos associados aos ideais conservadores que permeiam a compreensão dos docentes sobre a diversidade sexual e ancoram suas representações sociais. A interseção entre sexualidade, moralidade religiosa e essencialismo biofísico configura um quadro interpretativo que influencia a percepção das sexualidades não conformes ao binarismo heterossexual (Dantas, 2020). Destaca-se a relevância dessa categoria na análise, pois ela evidencia as representações sociais subjacentes, fornecendo percepções acerca das atitudes, valores e crenças que moldam a perspectiva de docentes em relação à diversidade sexual, especialmente no contexto educacional.

A heterossexualidade sim é uma continuação normal do sexo que a pessoa nasce, né. Nasce homem e fica assim, homem mesmo. E da mulher é a mesma coisa; nasceu mulher biológica e curte, vamos dizer assim, se relacionar com homem. Eu penso que é isso, né. Uma questão natural mesmo que vem lá da natureza e segue assim. Sem discriminar ninguém, tá entendendo? Mas o que é certo é certo, né. Mas que nem eu falei antes cada um escolhe o que acha que é melhor pra si, não é mesmo?! (E.1)

Na minha visão, a educação deve se pautar em valores morais sólidos, e isso inclui abordar a diversidade sexual de acordo com os princípios religiosos essenciais. Devemos ensinar aos alunos que há uma ordem natural e divina que rege as relações e comportamentos humanos. Acredito que as sexualidades que fogem do normal que é homem com homem, mulher com mulher, se enquadram como anomalias, e é nosso dever orientar os alunos a se alinharem a esses princípios para manter a harmonia na sociedade (E.3).

A concepção da família tradicional, pautada pela heterossexualidade como norma e pela monogamia como princípio central, representa um dos fundamentos a partir dos quais se originam conceitos e preconceitos no contexto da diversidade sexual (Souza; Lima, 2019). Essa perspectiva exerce uma influência significativa na formação das representações sociais do grupo investigado, conforme evidenciado no seguinte discurso:

Eu acho que tem de começar esse assunto aí falando da família que é a célula que deu origem a todos nós. Ninguém nasce de dois homens ou de duas mulheres, nem dessas outras pessoas esquisitas aí que nasce de um jeito e quer virar do outro, sabe?! Então, assim, falar o certo não quer dizer que a gente não deve de respeitar os outros que querem ser diferentes (E.2).

Essa abordagem busca elucidar como a concepção de família tradicional não apenas influencia as representações sociais, mas também serve como um ponto central a partir do qual emergem conceitos e preconceitos relacionados à diversidade sexual, moldando a perspectiva do grupo estudado.

A categoria “A fragilidade da formação docente em diversidade sexual e educação” agrupa narrativas que tratam das dificuldades docentes em abordar a questão da diversidade sexual frente à frágil formação inicial e em serviço acerca dessa temática. Os discursos retratam a preocupação docente frente essa questão e a busca em suprir essa lacuna formativa. A partir dessa categoria temática, o estudo revelou que a falta de capacitação profissional em relação à diversidade sexual e educação é percebida como uma problemática significativa pela categoria profissional investigada. Professoras/es manifestam insatisfação com a ausência de abordagens sobre esse tema durante a formação acadêmica inicial, e argumentam que a escassez de treinamento persiste durante o exercício da docência. Ancoradas nesses pressupostos e na perspectiva de que docentes desempenham papel crucial na formação de opiniões, as representações sociais sobre a diversidade sexual como um tema altamente complexo contribuem para o silenciamento dos professores diante dessa temática, como ilustram as falas a seguir:

Eu sempre senti a falta de preparo na minha formação para lidar com isso aí da diversidade sexual em sala de aula. Na graduação, o assunto foi praticamente ignorado, e isso continuou desde quando estou dando aula. Acho que muitos de nós, professores, sentimos essa lacuna, e não sabemos como abordar essas questões de maneira adequada. A sociedade está em constante transformação, e as discussões sobre diversidade sexual estão cada vez mais presentes, mas a falta de formação nos deixa inseguros. Fica difícil ser um formador de opinião quando nos falta conhecimento e orientação nesse aspecto (E.13).

Falta formação, entende? Tanto na graduação quanto depois. Falta muita formação pra gente e para as pessoas em geral também pra não confundirem as coisas e acharem que a gente está influenciando as crianças em alguma coisa e acusarem a gente. Por isso eu nem falo disso daí não. Deixa quieto, né?! (E14)

É intrigante notar que a ausência de formação em diversidade sexual e educação é percebida de maneiras contrastantes dentro do grupo investigado. Uma parcela desse grupo defende a ideia de que tal formação é crucial para o desempenho eficaz da docência, fundamentando essa perspectiva na presença evidente da diversidade no ambiente escolar e nas dificuldades profissionais associadas à gestão dessas diferenças. Em contrapartida, uma outra parcela do grupo sustenta a visão de que abordar a questão da diversidade sexual não se insere no âmbito da competência do docente. A fundamentação dessa posição reside na concepção de que o profissional docente é um especialista em uma disciplina específica do currículo, devendo abordá-la de maneira neutra, sem incorporar discussões sobre diversidade sexual.

Então. Nunca estudei isso daí não. Nem na faculdade, nem nas complementações e nem na vivência pessoal. Não me preocupei com esse assunto nunca não, viu?! Eu acho que a prioridade é ensinar minha matéria e só isso mesmo e deixar esse negócio ai de diversidade pra especialistas no assunto (E. 8).

Acho que a formação em diversidade sexual é absolutamente essencial para nós, professores, porque estamos lidando com uma diversidade de alunos com diferentes origens, identidades e orientações sexuais. Para garantir um ambiente de aprendizado inclusivo, precisamos estar preparados para abordar essas questões. A sociedade está evoluindo, e nós, como educadores, precisamos evoluir junto para atender às necessidades de todos os alunos (E. 18).

Acredito que nossa principal responsabilidade como professores é transmitir o conhecimento da nossa disciplina de maneira imparcial. Abordar questões de diversidade sexual pode ser interpretado como viés ou imposição de crenças pessoais. Deveríamos nos ater à nossa área de especialização e não nos envolver em temas que são mais adequados para discussões em outros contextos, como em casa ou em instituições especializadas (E.30).

As representações relativas à formação profissional que visa capacitar o educador competente (Baillauqués, 2001) são percebidas como impulsionadoras dos processos de busca por formação além dos contextos formais. Na busca por informações sobre a temática da diversidade sexual, membros da categoria docente examinam publicações em revistas, jornais e vídeos disponíveis em plataformas de compartilhamento de conteúdo, sem considerar adequadamente a alta probabilidade de tais recursos serem veículos eficazes para disseminação de informações incorretas (Azevedo; Lima, 2020). Em contrapartida, demonstram disposição para participar de atividades reconhecidamente mais acadêmicas, como palestras, cursos de curta duração, além de buscarem formação em entidades sindicais de classe.

Adicionalmente, o grupo docente cita os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como uma fonte de referência auxiliar na compreensão da sexualidade como um tema transversal. No entanto, não deixam de tecer críticas pontuais ao documento, reconhecendo a ausência de abordagem sobre homotransfobia e diversidade sexual. Os participantes da

pesquisa sugerem que, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) assegurem autonomia para que as escolas desenvolvam abordagens para o tema da sexualidade, na prática, essa autonomia não se efetiva.

Bom, eu já li bastante coisa mais pra informação pessoal mesmo, porque parei pra pensar e vi que eu estava leigo no assunto, então fui atrás de informação por conta própria. Agora na questão profissional, por conta do meu mestrado, eu abordei o tema porque dentro dos Parâmetros Curriculares se trabalha a questão diversidade sexual, então acabei vendo um pouquinho também. E como eu leciono também na prefeitura de Guarulhos eu tive uma formação integrada com os professores, foi uma palestra feita por uma professora que não vou lembrar o nome dela, mas que trabalha aqui no CAPES de Guarulhos, enfim, uma moça lá. Olha, foi a única palestra que eu tive sobre essa questão da diversidade sexual (E6).

Na categoria “Diversidade Sexual: questão importante para a Educação”, emerge uma problemática de relevância no âmbito educacional, destacando-se narrativas que delineiam a diversidade sexual como uma temática crucial a ser abordada no contexto escolar, dada a pluralidade intrínseca à própria instituição. Este domínio de análise também incorpora representações do papel do educador como o agente incumbido de oferecer respostas apropriadas às indagações dos estudantes, particularmente no que concerne à temática da diversidade sexual. Adicionalmente, são englobados discursos que abordam a diversidade sexual como um tópico controverso quando examinado para além dos paradigmas biológicos, da prevenção da gravidez na adolescência e da transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis.

[...] a inclusão da diversidade sexual na escola dialoga com a complexidade da sociedade contemporânea, mas também requer uma postura correta por parte dos professores que precisam estar preparados para dar orientação correta para os alunos porque não dá pra ser uma coisa polêmica esse negócio da diversidade sexual. Assim... os professores têm que manter a linha sem extrapolar os limites do contexto biológico, da saúde e da prevenção de doenças e de gravidez, né (E.7).

Eu assisti essa palestra justamente porque acho muito importante, afinal a gente trabalha com todo tipo de gente. Eu acho que é de extrema importância, principalmente para nós que trabalhamos com adolescentes, pois eles vivem procurando a gente pra conversar a respeito, então a gente tem de saber certinho pra estar falando pra eles as coisas de sexualidade e da diversidade (E.9).

Infelizmente, subsistem, no seio das instituições escolares, determinadas convenções que endossam ocorrências de agressão, discriminação e violência, originadas da falta de aceitação da diversidade sexual, exacerbada pela incapacidade dos educadores em enfrentar eficazmente tal fenômeno. Professores alegam vivenciar diariamente a presença da diversidade sexual em seus ambientes de ensino, identificando-a como uma das principais fontes de práticas intimidatórias, comumente referidas como *bullying*.

Sim, muito importante porque a gente lida com todo tipo de pessoas, de gêneros, né, vamos falar assim. Então, eu acho que esse tema deveria ser inclusive priorizado na escola. Além de ser de interesse dos estudantes, esse tema poderia ajudar a diminuir os casos de bullying que são tão frequentes dentro de uma escola. Então, assim, eu acho que trabalhar sobre diversidade sexual deveria ser uma prioridade (E19).

Assim como identificam práticas e narrativas preconceituosas entre os discentes, os profissionais do ensino observam essa mesma atitude entre os pares, embora não demonstrem autoconsciência acerca de sua própria participação nesse fenômeno. Ao relatar algumas incidências homotransfóbicas testemunhadas no ambiente escolar ou entre os docentes, estes se manifestaram utilizando terminologia depreciativa ao se referirem aos alunos e colegas cujo desempenho de gênero é percebido como discordante da heteronormatividade.

Como te falei, né, não tenho nada contra, mas também nada a favor, entende?! Por exemplo, eu seria uma mulher muito triste se tivesse um filho gay, uma filha sapatona. Eu ia aceitar, né, mas não seria uma coisa que eu gostaria, jamais, nunca mesmo. Uma filha ou filho transexual seria muito pior pra mim que sou mãe. Eu acho que as pessoas são hipócritas quando dizem que aceitam, porque isso não é uma coisa fácil de se aceitar, não. A gente tolera, é bem diferente de aceitar (E4).

No âmbito escolar, a complexidade subjacente à temática da sexualidade parece aprofundar-se, demandando uma abordagem respaldada por um sólido embasamento técnico e científico. Tal abordagem não apenas requer competência técnica, mas também a capacidade de lidar com a sexualidade junto aos estudantes de maneira a evitar conflitos de natureza religiosa, política e moral. Nesse contexto, destaca-se o ideal pedagógico da neutralidade e não subjetividade como imperativos profissionais.

Eu acho que é um tema que a gente tem de tratar com muita cautela dentro da escola por conta das religiões, da educação que os alunos trazem da casa deles, entende? Então, eu acho que seria uma abordagem sem nenhum viés político. Mas assim, eu acho que deveria sim existir alguns momentos que a gente pudesse falar de sexualidade com eles com mais clareza e objetividade (E7).

A categoria “Diversidade Sexual: Escolher Ser Diferente” engloba discursos fundamentados na perspectiva de que a heterossexualidade é inerentemente natural e compulsória para todos os indivíduos. As narrativas reunidas nessa categoria manifestam a representação da diversidade sexual como uma escolha deliberada. Algumas pessoas, conforme essas narrativas, deliberadamente optariam por identidades LGBTTTQIA+, motivadas pelo desejo de explorar experiências diversas com seus corpos, por eventos traumáticos, ou ainda, influenciadas por tendências culturais contemporâneas.

Ah, eu sei que é uma variação da sexualidade normal que pode se desenvolver ou nascer com a pessoa mesmo. É uma característica da pessoa mesmo. Mas tem também muita gente que escolhe gostar do mesmo sexo. Se decepciona com algum relacionamento ou sofre um trauma de infância daí faz a opção de ser homossexual, travesti e essas coisas aí. Mas de qualquer jeito é uma situação muito triste, né?! Eu digo triste assim... no sentido de sofrimento pra pessoa que acaba se sentindo estranha, deslocada. Igual... eu te falei dos alunos assim que ficam muitos deles isolados sem amizade nem nada, entende? (E1)

Os discursos relativos ao criacionismo emergem como elementos discerníveis no corpus analisado. Esta parece constituir uma das ancoragens que contribuem para a construção de representações sociais concernentes à heterossexualidade, percebida como inerente à natureza

humana, enquanto as homo e transexualidades são concebidas como escolhas pessoais desviantes. Sob esta perspectiva, tais identidades sexuais seriam largamente susceptíveis a serem revertidas por meio de intervenções miraculosas ou por decisões pessoais conscientes e deliberadas. Dentro deste paradigma, a heterossexualidade não é concebida como uma entre várias expressões sexuais, mas sim como a expressão legítima, enquanto outras manifestações de sexualidade e afetividade são compreendidas como integrantes da categoria mais ampla de diversidade sexual.

Heterossexuais são pessoas normais que gostam do outro sexo. Se relacionam com o outro sexo, tem prazer, se sente bem assim e ainda fazem que a espécie humana continue existindo, se reproduzindo. Não tem segredo nenhum nisso, é o normal. Pelo menos foi assim aprendi em família e na minha religião. Já os outros tipos que as pessoas escolhem é que é complicado entender e até aceitar mesmo, né?! Não é que eu tenho preconceito, pelo amor de Deus, não é nada disso não, viu?! Eu só acho mesmo muito difícil de entender essas coisas aí de optar em ser da diversidade sexual contrariando a criação, vamos dizer assim (E5).

O grupo objeto de estudo se configurou como um agente facilitador dos processos de padronização e perpetuação de comportamentos alinhados com a concepção da natureza humana, a qual, intrinsecamente, é percebida como heterossexual. Nesse contexto, a aceitação da diversidade sexual parece ser tolerada apenas dentro de parâmetros morais nitidamente delineados, cuja norma condutora é o respeito não às diferenças per se, mas sim à heteronormatividade, conforme observado por Elian (2013). Este posicionamento sugere uma preferência pela acomodação da diversidade sexual desde que alinhada a critérios normativos preestabelecidos, os quais, por sua vez, se alinham à estrutura heteronormativa subjacente, perpetuando, assim, padrões tradicionais e normas sociais preexistentes.

Os discursos encapsulados na categoria “É Tudo Ser Humano: Invisibilizando as Diferenças” revelam representações sociais que minimizam a relevância da diversidade sexual, justificando essa perspectiva sob a premissa de que todos os indivíduos fazem parte do gênero humano. Esta abordagem, ao afirmar que todas as pessoas são humanas, subentende a dispensabilidade e falta de importância em reconhecer as distintas expressões de sexualidade, cada qual demandando necessidades específicas. Este quadro, considerado complexo, é evidenciado nas narrativas associadas a essa categoria, nas quais se destaca o esforço docente em eliminar as diferenças através da negação. Fundamentando-se na representação da humanidade como essência, tais discursos justificam a não abordagem da diversidade, ancorando suas representações no essencialismo. A premissa subjacente é que, se todos são seres humanos, então todos são iguais, o que leva o grupo estudado a perceber a consideração das diferenças como algo dispensável e insignificante.

Os discursos analisados geram uma ambiguidade entre o princípio legal da igualdade e a prática discriminatória. As representações sociais do grupo estudado sobre preconceito parecem encontrar ancoragem no contexto jurídico, considerando a discriminação e o

preconceito como conceitos falaciosos e inverídicos, dada a suposta igualdade intrínseca a todos. Nesse contexto, ações efetivas de combate às homotransfobias em sala de aula são percebidas como desnecessárias, com a resistência em alguns momentos enxergando tais iniciativas como discriminatórias em si mesmas. Além disso, percebe-se uma hierarquização da diferença, onde certas performatividades, como as gay e lésbica, são mais aceitáveis do que outras, como as travestis, transexuais e transgêneros no ambiente escolar. A abordagem da diversidade sexual, conforme evidenciado nos discursos, encontra uma solução positiva quando reduzida à essencialidade humana, anulando diferenças e necessidades específicas em nome da igualdade enquanto espécie ou em relação à performatividade gay e lésbica.

Eu trato o ser humano como ser humano. Eu não vejo essa questão de diversidade sexual como algo importante pra se pensar, muito menos pra se tratar na minha sala de aula. Pra mim não interessa, pois todos somos iguais. Eu penso que o ser humano é um só e deve ser tratado com respeito independente da orientação, do pensamento, cor, raça, credo, religião, religião já é credo, né?! Mas enfim... independente dessas questões todas ele tem direito à educação, ao conhecimento e eu dou aula de inglês pra qualquer um eu não tenho isso de aquele é isso, aquele é aquilo, pra mim não tem diferença nenhuma (E2).

A categoria “LGBTQTQIA+ e as Representações Sociais” compreende narrativas que delineiam as representações sociais de docentes a respeito das homossexualidades masculina e feminina, bem como as performatividades relacionadas à sexualidade e ao gênero que se afastam do sistema binário heterocentrado. Este ponto de análise visa aprofundar a reflexão sobre as percepções de professoras e professores em relação às homossexualidades, explorando as interseções entre essas imagens e o ambiente educacional. No contexto desta categoria, são agrupadas narrativas que evidenciam o reconhecimento, por parte dos educadores, das sexualidades que se desviam da heteronormatividade, manifestando-se por meio de atitudes e comportamentos que se alinham às representações sociais sustentadas pelas concepções acerca das masculinidades e feminilidades.

A emergência dessa categoria temática de análise decorre dos discursos docentes fundamentados na concepção binária de gênero. O binarismo social naturaliza os sujeitos em duas categorias rígidas e opostas, com os homens associados à força física, racionalidade e objetividade, enquanto as mulheres são vinculadas à feminilidade maternal, cuidadosa, amorosa e emotiva (Louro, 2014). A partir dessa lógica, são perpetuadas imagens padronizadas, como a representação da lésbica que se assemelha a um comportamento masculino e do gay que exhibe características atribuídas ao feminino. Estas representações enraizadas no binarismo de gênero influenciam as percepções dos docentes acerca das homossexualidades, contribuindo para a construção de estereótipos e expectativas em relação às identidades sexuais e de gênero dissidentes do modelo heteronormativo.”

Acho diferente e tudo, mas respeito. Nunca tive aluno assim, pelo menos que eu soubesse não tive aluno que se veste de menina não. Quer dizer, eu tive um, mas assim, quando eu dei aula pra ele, ele não se vestia de menina não, ele se vestia normal, mas a gente percebia que ele tinha todo o trejeito, né?! Mas pelo menos naquele momento ele não se vestia de menina ainda não, não dava pra ser chamado de travesti ainda. Mas eu sei que futuramente, depois de uns três ou quatro anos, ele começou a se vestir de menina, me contaram (E28).

As narrativas examinadas evidenciam diversas dimensões decorrentes da naturalização binária, destacando, por exemplo, o estabelecimento do padrão heteronormativo como uma entidade hegemônica que fundamenta práticas discriminatórias e preconceituosas dirigidas a indivíduos gays e lésbicas. As Representações Sociais emergentes nesta categoria de análise apontam para um sentimento de estranhamento diante da homo/transsexualidade, objetivada como uma entidade que ameaça a perda de referências em relação aos afetos, à moralidade, ao comportamento social e à sexualidade.

Então, eu acho isso de querer se vestir ou ser do outro sexo uma coisa muito perigosa porque afronta a sociedade e depois fica se fazendo de vítima. Eu realmente não entendo isso daí não. Porque você é um homem, certo? Sua parte sexual não vai ser de mulher de verdade nunca, ok? Pra mim tudo bem também, mas não me enche a paciência com “mimimi”, sabe como é? Então, só porque que você não aceita o seu corpo, você quer ter um corpo de mulher e não quer ser olhado diferente? Vai ser sim, não adianta dizer que não vai porque vai. Eu, pelo menos, acho incompreensível homem que se interessa por homem e mais estranho quando quer se fazer passar de mulher. Eu não entendo. Honestamente é muito difícil pra mim, mas que nem te falo, cada um cada um (E3).

Apesar do reconhecimento da violência, preconceito e discriminação, o grupo investigado identifica os próprios estudantes como alvos e propagadores da homotransfobia dentro do ambiente escolar. Em sua maioria, os participantes da pesquisa utilizam expressões como “isso daí”, “essas coisas” e “gente desse tipo aí”, porém afirmam que o preconceito não faz parte de sua compreensão da diversidade sexual.

O grupo analisado reconhece, em diversos momentos, sua inserção em um contexto específico permeado pela disputa entre conservadores e progressistas. Nesse contexto, o grupo posiciona-se ora em um extremo, ora em outro dessa dicotomia, revelando uma postura intermediária, característica dos *themata* que constituem o cerne de suas representações sociais sobre a diversidade sexual no contexto escolar (Marková, 2017).

O período histórico, cultural e político durante o qual a pesquisa foi conduzida foi marcado pela acirrada disputa ideológica entre pensamentos conservadores e progressistas. Observamos que essa oposição dicotômica normal/anormal permeia as categorias de análise, tornando-se objeto de disputa expressa nos discursos analisados. Assim, a avaliação do valor do tema da diversidade sexual como matéria a ser abordada, com base na necessidade ou não de incluir os considerados “anormais” nas abordagens didático-pedagógicas escolares,

converte-se em um ponto de contenda, evidenciando-se como *themata*, ou seja, núcleo central das representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual no contexto escolar.

Para o grupo investigado, o *themata* homem/mulher engendra representações sociais bastante específicas. As narrativas analisadas revelam imagens estreitamente alinhadas ao discurso ideológico e político prevalente. A diferenciação entre homens e mulheres é atribuída às suas genitálias e outros órgãos corporais que naturalmente marcariam a distinção, sugerindo que se nasce homem ou mulher. A naturalidade corporal masculina e feminina se estende à representação social da heterossexualidade como suposta consequência natural dos corpos masculinos e femininos. Nesse contexto, destacam-se as representações sociais da diversidade sexual como um conglomerado amplo, disforme e, por vezes, monstruoso e moralmente perturbado, aproximando, assim, as pessoas LGBTQIA+ da anormalidade, conforme abordado por Foucault (2002).

Então, se é menino eu vou entender que ele que quer ser menina. Isso, um menino que quer ser menina ou a menina que quer ser menino também pode acontecer. Eu acho que transexual é isso, a pessoa que quer ser outra coisa daquilo que realmente é, homem ou mulher de verdade. Sabe? Quer ser o que não é. Que nem, tenho um aluno esse ano que eu não sei se ele quer ser menina, mas ele tem uma delicadeza que não é natural para um menino, mas eu não sei se é o caso dele, se ele quer ser menina, se quer ser transexual, se transformar numa menina, não sei dizer isso. O que eu sei é que fico muito preocupada. É complicado (E30).

No contexto das *thematas* nós/eles, é pertinente ressaltar as representações sociais acerca dos clãs e da suposta superioridade de determinados sobre outros que emanam dessas representações (Marková, 2017). As análises dos discursos indicam que os indivíduos heterossexuais são percebidos como moralmente superiores em relação ao grupo LGBTTQIA+. Especificamente nos discursos fundamentados em representações religiosas, essa supremacia heterossexual se manifesta de maneira mais acentuada. Nessa perspectiva, a aceitação da diversidade sexual é caracterizada como um gesto de benevolência e compaixão por parte daqueles que integram o clã considerado “normal” e moralmente superior, em virtude de sua condição presumivelmente aceita como natural, assim como a heterossexualidade, entendida como algo inerentemente vinculado à natureza humana, criada por uma entidade divina.

O que eu entendo por uma pessoa transgênero? Deixa eu ver... Ele é um homem que sexualmente gosta de homem, porém ele não é feliz com seu corpo, ele necessita de ter seios. Ele acha que é uma pessoa incompleta que necessita ter seios, ter cintura afinada, ter voz fina, quadris, sabe?! Fica assim, tentando adaptar o corpo, porque o comportamento, digamos assim, já é do outro sexo. A gente conhece essas pessoas porque são muito diferentes do que a gente espera ver num homem de verdade ou numa mulher de verdade. São assim... diferentes dos homens e mulheres normais como nós (E28).

Na categoria denominada “Diversidade Sexual e Silenciamentos”, foram consolidadas narrativas que identificam o receio como um dos motivos que conduzem ao silenciamento por parte dos docentes diante da temática da diversidade sexual em ambientes escolares. Os

discursos revelaram que, embora os professores estejam cientes da relevância desse tópico, optam por evitar discutir a diversidade sexual devido ao temor de enfrentar represálias por parte da instituição educacional, das famílias dos alunos ou dos órgãos governamentais. Em alguns momentos, as narrativas também expressaram o receio de não oferecer informações precisas quando questionados sobre essa temática por parte das crianças e adolescentes.

A gente vê o preconceito e tudo mais, mas não fala nada sobre diversidade não porque pra falar dessas coisas tem de ter discernimento que é pra não tomar nenhum lado, sabe? Tem de ser bastante imparcial mesmo, que é pra não ter problema com a direção, com a família, sabe?! Eu não quero ser perseguido por causa disso, não. Então é melhor deixar quieto e fingir que não vê preconceito, discriminação e violência. Eu hem, ainda mais agora com esses governos que tá perseguindo professor. Fico mesmo meio ressabiado nessa questão (E2).

Parece que o conhecimento de senso comum do grupo docente está ancorado na ideia de que a ação adequada para preservar a normalidade, entendida como atributo exclusivo da heterossexualidade, é o silenciamento de todas as expressões que, de alguma forma, desestabilizem a heteronorma. As narrativas sugerem a tolerância como uma possível estratégia para o silenciamento não violento. No entanto, a tolerância, como indicado por Butler (2017), é um instrumento extremamente frágil, pois implica um ponto de referência a partir do qual um sujeito concede tolerância. Em outras palavras, a tolerância pressupõe um certo desprezo em relação ao sujeito para o qual é dirigida.

O silêncio docente em relação à diversidade sexual no contexto escolar se manifesta nos discursos que, em consonância com as posições conservadoras, associam a abordagem dessa temática ao que denominam de doutrinação. Em sua análise sobre a adesão de professores ao discurso conservador, que orienta o Movimento Escola sem Partido e os projetos de lei correlatos, Miguel (2016) afirma tratar-se de uma deturpação da doutrinação de estudantes por parte de professores rotulados como esquerdistas, por se oporem a preconceitos e discriminações.

É difícil, né? Porque, assim, apesar da gente perceber toda essa questão expressa no dia a dia, a gente tem de tomar muita, mas muita cautela, mesmo, pra falar sobre isso dentro da escola. Porque pode acontecer deles chegarem em casa, comentar com a família e de repente é uma família, sei lá, evangélica. Dai vão distorcer o que a gente tratou, vão vir pra cima, vão querer brigar. Vão agir como se a gente estivesse de alguma forma motivando algum tipo de comportamento. Doutrinando, como andam falando da gente. Eu tomo mesmo muito cuidado com esse assunto aí, o que é muito ruim, porque a gente acaba tendo de ver certas situações e ficar quieto porque podem distorcer, que nem tô te falando. Agora então... tá muito confuso isso daí pra sociedade. Tem muita desinformação sobre nosso trabalho e sobre o que fazemos quando falamos contra os preconceitos. Em todo caso, é melhor fingir que não estamos vendo as coisas cruéis acontecerem dentro da escola. Uma pena, mas fazer o que né, precisamos trabalhar, né (E.7).

A categoria denominada “Os Anormais na Educação” congrega narrativas cujo themata central versa sobre o estranhamento diante de expressões de gênero e sexualidades que se desviam da heterossexualidade. Em contexto escolar, a diversidade sexual pressupõe a

heterossexualidade como algo natural, compulsório e, como consequência, estabelece-se a norma sexual. Em virtude desse pressuposto, aquilo que diverge desse padrão é caracterizado como algo diferente, patológico, estranho, peculiar e/ou anormal.

Ah, então, isso eu sei responder. A homossexualidade e a transexualidade são variações da sexualidade normal. Daquela que chamamos natural que são as relações entre pessoas de sexo diferente, né. Homem e mulher de verdade, né. Já as pessoas aí da diversidade são pessoas que por algum motivo escolheram isso pra vida delas ou pode ser que desenvolveram isso daí durante a vida (E7).

É relevante observar que os discursos gerados pelas ciências são transmutados em conhecimentos de senso comum, que se concretizam em representações sociais (Moscovici, 2015). A análise dos discursos revela que as proibições em relação à diversidade sexual, especialmente no que tange às pessoas LGBTTQIA+, são internalizadas com considerável impacto pelos docentes. O estranhamento suscitado por expressões de sexualidade que destoam da heteronorma é assimilado na representação do anormal.

Nos discursos examinados, transexuais, travestis, transgêneros e intersexuais parecem não ser reconhecidos por não se alinharem aos gêneros binários socialmente estabelecidos, derivados da genitália. Assim como o conceito de “monstro” de Foucault (2002), transexuais, travestis e transgêneros são percebidos como anomalias tanto biológicas quanto jurídicas. São interpretados como corpos estranhos, anormais, justamente por dissidirem da suposta continuidade entre sexo, gênero e desejo. Suas representações ancoram-se na concepção da genitália como fator biológico natural que, por conseguinte, determina de modo inato o gênero e o desejo heterossexual para toda e qualquer corporalidade. Indivíduos que não seguem essa norma são considerados anormais, estranhos e singulares, isto é, não correspondem aos elementos de reconhecimento e inteligibilidade social (Butler, 2017).

Ah, tá. Intersexual é o nome atual pra hermafrodita. Eu sei o que é. São pessoas que nascem com uma anomalia física, biológica, vai. Tem dois sexos, no caso. Uma coisa que foge completamente do normal porque foge a composição biológica de uma pessoa humana de modo que fica difícil saber se é homem, se é mulher, um troço bem complicado. Então, eu acho esse tipo de coisa vai precisar de muito tratamento pra poder ver com o que vai se identificar mais e se vai chegar a isso, né?! De repente vai desenvolver como feminino, mas vai se sentir como masculino na cabeça, entende? Daí fica mais complicado ainda, né?! Mas eu acho que é isso mesmo, uma anomalia de caráter físico, biológico, vamos dizer assim (E8).

Deste modo, as representações encontram ancoragem na concepção de dois mundos distintos, a saber, o masculino e o feminino. Sobre essa fundamentação dicotômica, a heterossexualidade é configurada como o arquétipo tido por normal e intrinsecamente natural. Essas representações, por sua vez, são sustentadas pelo fundamentalismo religioso, que concebe homens e mulheres como criações divinas preexistentes, completas e destinadas a se relacionarem sexualmente com propósitos reprodutivos.

Nossa! Eu honestamente não sei nem como falar disso. Desculpa, é uma coisa muito esquisita e eu não quero parecer preconceituoso. Mas esse negócio de travestis, transexuais, transgênero e sei lá mais o que, é igual te falei antes, coisa da ideologia de gênero pra fazer as crianças aceitarem como normal essas coisas aí, essas abominações, como está lá na palavra de Deus. Não é preconceito meu não, é a palavra que diz macho e fêmea Deus criou. E como você disse que posso ser honesto e dizer o que penso, estou sendo. Então, meu amigo, é isso. Mas, assim, desculpa mesmo, eu nem quero falar desse tipo de coisa não porque posso ser mal interpretado só porque sigo minha religião (E.25).

Na categoria intitulada “Escola e Scripts Sexuais: Masculinidades e Feminilidades”, as narrativas delineiam as representações sociais que professoras e professores mantêm acerca do ambiente escolar, considerado um locus de disciplinamento no qual são esperadas determinadas performances relacionadas à sexualidade e ao gênero, tidas como mais apropriadas em detrimento de outras que divergem do padrão e se apresentam como discordantes no contexto escolar. As narrativas abordam imagens sustentadas pelos profissionais da educação no que concerne à imperatividade de disciplinar e enquadrar comportamentos dentro de determinados scripts, isto é, roteiros apropriados para os comportamentos masculino e feminino (Gagnon; Simon, 2005).

Numa sala de aula tem de saber se comportar direitinho como menino e como menina, mas às vezes eles acabam se esquecendo disso e usando do comportamento deles como artifício. Assim, eles se aproveitam dessa história de bullying pra querer fazer tudo o que querem sem ser chamado a atenção. Dai você vê aquele menino meio assim, efeminado, entende ou as meninas masculinas. Pelo menos é o que eu estou notando ultimamente. O pior é que ainda por cima tem muito vitimismo desse pessoal aí que não sabe se comportar adequadamente (E24).

Adicionalmente, inclui-se a antecipação de determinados traços estéticos considerados apropriados para meninos e meninas. A expressão visual de uma lésbica que adota vestimentas e acessórios socialmente reconhecidos como masculinos ou a manifestação de um gay com características efeminadas, por exemplo, provocam desconforto e, ocasionalmente, repulsa em relação às suas figuras e à sua presença em sala de aula, por desviarem dos padrões estéticos e comportamentais tradicionalmente esperados para homens e mulheres.

Considerações finais

A análise das representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar revelou-se permeada por controvérsias públicas presentes nos discursos sociais contemporâneos, os quais ancoram as imagens associadas às pessoas LGBTQIA+. Esta temática continua a ser objeto de disputa entre conservadores e reacionários, delineando e reforçando suas respectivas posições. A ascensão dos discursos reacionários, notadamente refletida nas políticas governamentais em diversos países, parece ter facilitado e possivelmente incentivado a expressão pública de discursos preconceituosos e discriminatórios, com menor receio de rejeição social.

As narrativas examinadas e as representações sociais dos docentes sobre a diversidade sexual em ambiente escolar que deles emergem refletem o conservadorismo de ordem

moral/religiosa, subjacente às categorias de análise delineadas e exploradas. Aparentemente, os profissionais da educação ainda fundamentam suas representações sociais na moralidade conservadora, contrariando as especulações de grupos de extrema direita que há muito tempo se mobilizam contra a suposta doutrinação e imposição da denominada “ideologia de gênero”.

As representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar encontram sua essência em uma concepção da sexualidade como tabu. Conseqüentemente, as práticas escolares parecem orientar-se para o silenciamento dos educadores diante das problemáticas relacionadas à diversidade sexual. O *bullying*, preconceito e discriminação não são percebidos como atos violentos e impedimentos à permanência dos estudantes no ambiente escolar, mas sim como manifestações de indivíduos que desafiam, por opção pessoal, normas de comportamento e *scripts* sexuais considerados moralmente aceitáveis. Além disso, as representações sociais dos docentes ancoram-se em princípios religiosos que reforçam o binarismo, a heteronormatividade e a visão da sexualidade vinculada à reprodução.

No que concerne à formação docente em diversidade sexual e educação, os dados evidenciam certo desconhecimento acerca da legislação vigente. A maioria dos participantes demonstra insegurança e receio ao abordar o tema, acreditando erroneamente que a legislação proíbe tal discussão. A referência ao Plano Nacional de Educação (PNE) e aos projetos do Escola Sem Partido ressalta a influência de preconceitos e obstáculos percebidos, os quais não estão alinhados com as diretrizes legais vigentes. Destaca-se, portanto, que as legislações atuais não proíbem a abordagem da sexualidade, gênero e diversidade sexual, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incentiva a integração desses temas nas práticas pedagógicas, respaldadas no respeito aos direitos humanos e na promoção da educação integral (Brasil, 2017).

Considerando que a maior parte da vida dos indivíduos transcorre no ambiente escolar, este se configura como um cenário propício para o desenvolvimento educacional em todas as esferas, incluindo a sexualidade. A escola desempenha um papel direto na formação dos estudantes e, indiretamente, pode influenciar as famílias a assumirem seu papel educador, promovendo a aceitação das diversas diferenças como positivas, não hierarquizadas e fontes de aprendizagens enriquecedoras.

Portanto, propõe-se que a escola incorpore em suas práticas educativas iniciativas que visem à socialização com o objetivo de promover a igualdade de gênero e a eliminação de práticas sexistas, homotransfóbicas e discriminatórias. Esse processo deve envolver toda a comunidade escolar, começando pelos docentes. Nesse contexto, a formação inicial e contínua em sexualidade deveria ser uma meta constante dos sistemas de ensino e suas modalidades, contribuindo assim para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos e respeitosos. Esta abordagem não apenas reflete os fundamentos pedagógicos presentes na Base Nacional Comum Curricular, mas

também representa um avanço significativo para a promoção de uma educação que valorize a diversidade e respeite os direitos humanos em todas as etapas e modalidades educacionais.

Sobre os Autores

Douglas Paulino Barreiros

<http://lattes.cnpq.br/3875151358803052>

Graduação em Letras pela Faculdade de Jandaia do Sul (2000) Graduação em Pedagogia pelo Instituto Pedagógico Brasileiro (2023); Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (2019). Especialização em Ensino de Filosofia pela UNIFESP (2019); Mestrado em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP(2008). Doutorado em Ciências com ênfase em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência pela UNIFESP (2021); Pós-doutorado em Educação pela UNIFESP (2023). Atualmente é Vice-Diretor Escolar na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Área de interesse: Estudos de Gênero, Sexualidade, Diversidade Sexual, Estudos Queer.

José Roberto da Silva Brêtas

<http://lattes.cnpq.br/9720478681165248>

Professor associado aposentado da universidade federal de São Paulo (UNIFESP). Possui especialização em sexualidade humana na área de educação sexual pela sociedade brasileira de estudos em sexualidade humana (2017); doutorado em enfermagem pela UNIFESP (2003); graduação em psicologia pela faculdade paulistana de ciências e letras (1995); especialização em psicomotricidade (1994); mestrado em enfermagem pela UNIFESP (1991); especialização em pediatria e puericultura pela UNIFESP (1983); graduação em enfermagem pela pontificia universidade católica de campinas (1982). Possui experiência interdisciplinar, com ênfase nas seguintes temáticas: desenvolvimento humano; corpo, gênero e sexualidade; adolescência e juventude; processos de educação e ensino em sexualidade; representação social.

Como citar este artigo:

ABNT

BARREIROS, Douglas Paulino; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Educação e diversidade sexual: um estudo das representações sociais de docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 17, e54788, 2024. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a54788>

APA

Barreiros, D. P., & Brêtas, J. R. S. (2024). Educação e diversidade sexual: um estudo das representações sociais de docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 17, e54788. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a54788>

Copyright:

Copyright © 2024 Barreiros, D. P., & Brêtas, J. R. S. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2024 Barreiros, D. P., & Brêtas, J. R. S. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Luiza Rodrigues de Oliveira

Referências

ARAÚJO, Elaine Sandra Nicoli Nabuco *et al.* Concepções criacionistas e evolucionistas de professores em formação e em exercício. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 7., 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9925> Acesso em: 2 mar. 2024.

AZEVEDO, Mauri de Castro; LIMA, Marcus Antônio Assis. Fake News e pós-verdade na construção do Neoconservadorismo no Brasil pós 2013 e os efeitos nas eleições de 2018. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, e35546, abr./jun. 2020. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.2.35546>

BAILLAUQUÉS, Simone. Trabalho das Representações Sociais na formação dos professores. *In: PAGUAY, Léopold (Org.). Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Atmed, 2001. p. 37-55.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 2 Mar. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DANTAS, Diego Fonseca. Ideologia e cultura educacional: estudo crítico sobre o conservadorismo em educação no Brasil. **Enfil: Revista Encontros com a Filosofia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 12, p. 261-284, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/enfil/article/view/46291/27598>. Acesso em: 2 mar. 2024.

ELIAN, Isabella Tymburibá. A heteronormatividade no ambiente escolar. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 10., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 179-186. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373338752_ARQUIVO_IsabellaTymburibaElian.pdf Acesso em: 2 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GAGNON, John; SIMON, William. **Sexual conduct: the social forces of human sexuality**. 2. ed. New Jersey: Transaction, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARKOVÁ, Ivana. Themata in Science and in Common Sense. **Kairos Journal of Philosophy and Science**, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 68-92, dez. 2017. <https://doi.org/10.1515/kjps-2017-0011>

MIGUEL, Luis Felipe. Da doutrinação marxista à ideologia de gênero: Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 590-621, jan./jul. 2016. <https://doi.org/10.12957/dep.2016.25163>

MORAES, Sílvia Piedade de. Vozes silenciadas: a questão LGBTTQI, a teoria queer e a democratização da educação. *In*: DICKMANN, Ivania (Org.). **Vozes da educação**. São Paulo: Dialogar, 2018. p. 90-111.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários, identidades, expressões e Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, jan./abr. 2016. <https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.7045>

SOUZA, Ilka de Lima; LIMA, Rita de Lourdes de. Família, conservadorismo e políticas sociais no Brasil: questões para reflexão. **Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 44, p. 149-164, jun./jul. 2019. <https://doi.org/10.12957/rep.2019.45219>